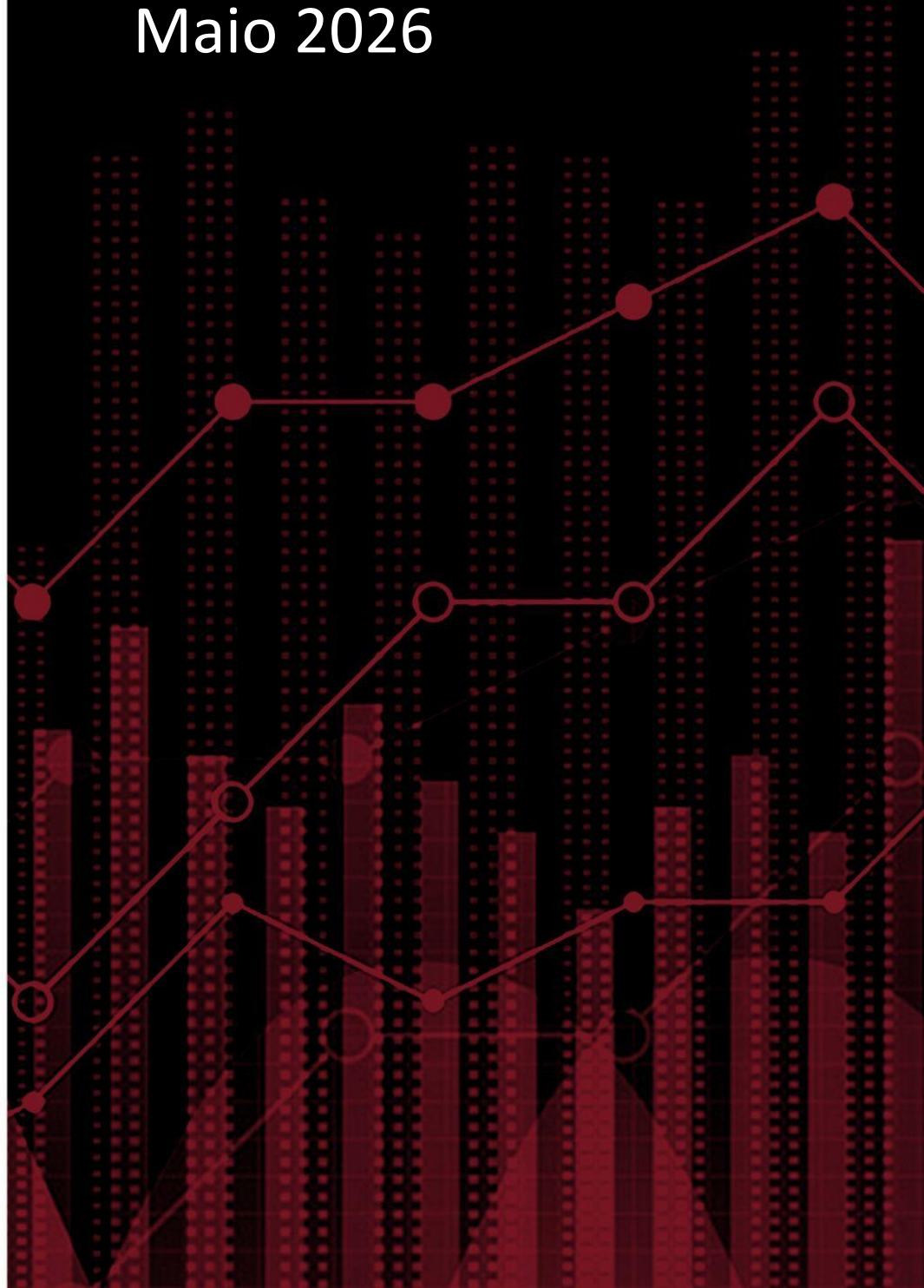


Carteira Empiricus Renda Extra

Maio 2026

Matheus Spiess
Analista Responsável
CNPI



Sumário

Carteira Empiricus Renda Extra	2
Abril de 2026.....	3
Maio de 2026	7
Renda Fixa.....	9
Fundos Imobiliários.....	12
Ações.....	14
Disclaimer.....	17

Carteira Empiricus Renda Extra

Caro cliente,

A **Carteira Empiricus Renda Extra** reúne uma seleção criteriosa de 10 a 15 ativos brasileiros com um objetivo muito claro: ajudar o investidor a construir uma fonte mensal de renda passiva. Em outras palavras, trata-se de estruturar um fluxo recorrente de recebimentos — como dividendos, juros e proventos — que entre na conta de forma previsível, sem que o investidor precise realizar operações frequentes ou tomar decisões constantes. Ao mesmo tempo, a carteira não abre mão do potencial de valorização no longo prazo, combinando renda recorrente com ganho de capital.

A proposta é simples, mas poderosa: unir ativos que historicamente demonstram capacidade consistente de pagar bons proventos com oportunidades que também possam se valorizar ao longo do tempo. Isso significa que não buscamos apenas “renda alta”, mas sim qualidade, sustentabilidade e equilíbrio. O investidor passa a ter uma carteira pensada para gerar fluxo mensal, ao mesmo tempo em que participa do crescimento de empresas e setores estratégicos da economia, bem como equilibra sua alocação entre diferentes classes de ativos.

A estratégia é inspirada na já tradicional carteira **Double Income**, criada em 2018 e consolidada como uma das principais soluções de renda da Empiricus. A partir dessa base, a Renda Extra estrutura um portfólio diversificado entre renda fixa, ações e fundos imobiliários. Essa diversificação é fundamental: ela reduz riscos específicos, aumenta a previsibilidade da renda e permite que diferentes fontes de retorno trabalhem juntas. O foco está sempre em ativos com maior capacidade de distribuir proventos de forma consistente, fortalecendo a geração de renda ao longo do tempo e ampliando a proteção patrimonial. Além disso, buscamos superar o CDI em horizontes mais longos — algo que a estratégia original já conseguiu entregar desde sua criação.

Na construção do portfólio, priorizamos previsibilidade, qualidade e potencial de retorno, combinando análise fundamentalista — que avalia balanços, geração de caixa e posicionamento competitivo — com leitura tática para otimizar pontos de entrada e ajustes. As recomendações são revisadas mensalmente, permitindo adaptações conforme mudanças nos fundamentos e nas condições de mercado, por meio de ajustes de peso, inclusão de novos ativos ou retirada de posições que deixem de atender aos critérios da estratégia, mantendo a carteira dinâmica e alinhada ao objetivo de gerar renda recorrente com consistência no longo prazo.

Abril de 2026

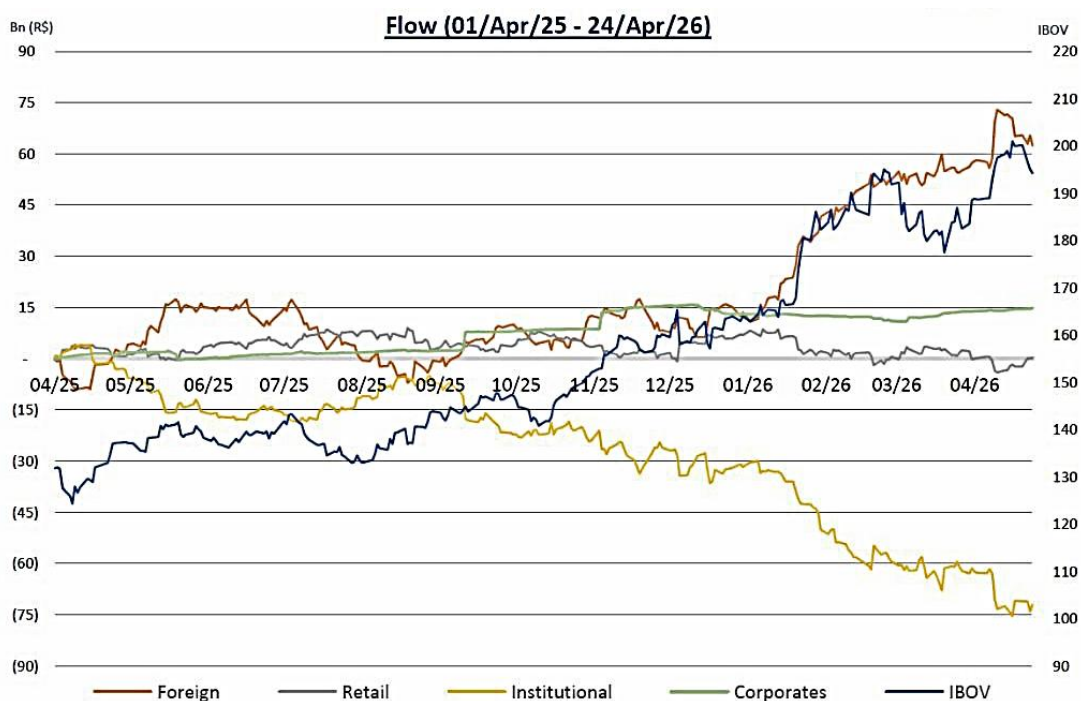
Curiosamente, o mês de abril foi marcado por duas dinâmicas distintas. Na primeira metade, observamos uma recuperação dos ativos domésticos após um março mais desafiador, fortemente impactado pelas notícias relacionadas ao conflito no Oriente Médio. O início do mês foi pautado pela expectativa de uma possível pacificação da região e de uma normalização gradual ao longo do tempo. Nunca consideramos esse processo como simples ou linear; ao contrário, sempre antecipamos um trajeto marcado por idas e vindas, com momentos de escalada e renovação de tensões. Ainda assim, a leitura predominante era de uma tendência construtiva, ainda que irregular, o que parecia se confirmar na virada de março para abril.

O cessar-fogo entre Estados Unidos e Irã, aliado à possibilidade de retomada das negociações, trouxe algum alívio ao mercado, especialmente pela perspectiva de normalização do fluxo no Estreito de Ormuz, um ponto crítico para o equilíbrio global de energia. Quanto mais rapidamente esse fluxo se restabelecer, maior a capacidade do mercado de precificar um cenário mais estável. Mesmo considerando a possibilidade de um prêmio geopolítico mais persistente no petróleo, associado ao risco de interrupções nas cadeias de suprimento, havia espaço para uma acomodação dos preços em níveis mais razoáveis. Esse ambiente favoreceu, ao menos momentaneamente, movimentos semelhantes aos observados no primeiro bimestre, quando a diversificação geográfica impulsionou mercados emergentes, incluindo o Brasil. Foi nesse contexto que o Ibovespa chegou a flertar com os 200 mil pontos na primeira metade do mês.

Na segunda parte de abril, no entanto, o cenário mudou de forma abrupta. Observamos uma correção acentuada dos ativos locais, em grande medida explicada por uma reversão do fluxo estrangeiro. O investidor doméstico, por sua vez, ainda não demonstra força suficiente para sustentar sozinho o ritmo do mercado, diante do nível elevado de juros, da competição com a renda fixa e de uma dinâmica de resgates que ainda não foi estruturalmente revertida. Assim, em um movimento típico de ajuste de posições e realização parcial de lucros, a entrada de capital estrangeiro perdeu força na segunda metade do mês, contribuindo para o aumento da volatilidade. Esse movimento foi intensificado pela ausência de avanços concretos na normalização em Ormuz, frustrando parte das expectativas mais construtivas do início do mês.

O gráfico abaixo ilustra bem essa dinâmica: fluxo estrangeiro tem sido o principal vetor de sustentação do mercado recentemente. Apesar de saídas pontuais no curtíssimo prazo — como no dado mais recente, com cerca de R\$ -3,0 bilhões — o acumulado no ano permanece positivo,

superando R\$ 48 bilhões (ou ainda mais quando considerado apenas o fluxo à vista). Esse comportamento reforça a importância do investidor internacional sobre os ativos locais e ajuda a explicar tanto os movimentos de alta quanto os episódios mais recentes de correção.



Fonte: BTG Pactual.

Esse movimento contrasta com o comportamento dos investidores institucionais locais, que acumulam saídas relevantes no ano, enquanto o investidor de varejo permanece com participação marginal. Na prática, isso indica que a trajetória de alta do mercado, refletida no desempenho do Ibovespa, tem sido majoritariamente sustentada pelo capital estrangeiro, reforçando a dependência desse fluxo. Quando esse investidor entra, tende a impulsionar os preços de forma significativa; quando desacelera ou sai, a consequência natural é o aumento da volatilidade no curto prazo.

Ainda assim, não interpretamos o movimento observado em abril como uma mudança estrutural. A tese para o Brasil permanece vigente, ancorada em ativos descontados, na possibilidade de continuidade, ainda que mais limitada, do ciclo de cortes de juros, em potenciais dinâmicas associadas ao ciclo eleitoral e em vetores estruturais relevantes no novo contexto global. Entre eles, destacam-se o protagonismo do agronegócio diante da demanda crescente por alimentos,

a relevância estratégica de recursos naturais como terras raras, a produção de petróleo fora de regiões mais instáveis e a capacidade do país de atrair indústrias intensivas em energia renovável, área na qual o Brasil possui vantagem competitiva. A volatilidade de curto prazo, nesse contexto, é parte inerente do processo.

Do ponto de vista de portfólio, a carteira demonstrou resiliência ao longo do período. Capturou a valorização na primeira metade do mês, quando o ambiente era mais favorável, e preservou desempenho na fase de correção, evidenciando a qualidade da seleção de ativos. Esse comportamento reflete uma construção focada no longo prazo, baseada em empresas de qualidade, com geração previsível de caixa e ênfase em distribuição de proventos, características que tendem a reduzir a sensibilidade a oscilações mais abruptas de mercado.

No campo monetário doméstico, o Copom confirmou as expectativas ao reduzir a Selic em 25 pontos-base, para 14,50% ao ano. A principal mudança, no entanto, esteve na comunicação. O Banco Central adotou um tom mais cauteloso, refletindo a deterioração das expectativas inflacionárias. A projeção para o horizonte relevante, agora deslocado para o quarto trimestre de 2027, foi elevada para 3,5%, representando um aumento de 50 pontos-base em apenas quatro meses. Embora o Comitê tenha evitado um discurso explicitamente mais duro e mantenha a possibilidade de cortes graduais, o espaço para flexibilização torna-se mais restrito, especialmente diante da incerteza associada à normalização do Estreito de Ormuz.

Nesse contexto, ainda é possível vislumbrar novas reduções de juros nos próximos meses, mas o Banco Central pode ser levado a pausar temporariamente o ciclo para preservar a estabilidade do câmbio e evitar uma deterioração adicional das expectativas. A credibilidade da política monetária segue como elemento central, e eventuais desvios podem ter custos elevados. Para os mercados, esse cenário tende a favorecer o real no curto prazo, mas mantém a curva de juros pressionada, penalizando empresas mais sensíveis às taxas e, por outro lado, oferecendo algum suporte ao Ibovespa via companhias ligadas a commodities.

No ambiente internacional, o Federal Reserve manteve os juros entre 3,50% e 3,75%, como amplamente esperado, mas adotou uma postura mais firme diante da piora do cenário macroeconômico. O choque de energia decorrente da guerra no Oriente Médio foi destacado como um vetor relevante de pressão sobre inflação e crescimento. O aumento do dissenso interno no Comitê sinaliza uma reavaliação do espaço para cortes, levando o Fed a uma abordagem mais cautelosa e dependente de dados, com o mercado já postergando o início da flexibilização. A reunião também marcou a última participação de Jerome Powell como

presidente, em um contexto de divisão pouco usual, embora sua permanência no conselho até 2028 reforce a autonomia institucional. No pano de fundo, prevalece a expectativa de juros elevados por mais tempo, com inflação ainda resistente, especialmente se o núcleo (core PCE) permanecer próximo de 3,5%, e um ambiente global mais desafiador.

Em síntese, a guerra no Oriente Médio adicionou uma camada relevante de complexidade ao cenário global, estendendo um processo de normalização que já se desenhava gradual e sujeito a interrupções. O caminho adiante tende a ser mais longo e marcado por oscilações, com episódios recorrentes de volatilidade à medida que o mercado reage a novos desdobramentos geopolíticos e seus impactos sobre inflação, juros e crescimento. Ainda assim, a direção estrutural permanece plausível, especialmente à medida que eventuais avanços na estabilização da região permitam uma recomposição mais previsível das cadeias de energia e, por consequência, das expectativas macroeconômicas.

Nesse contexto, a disciplina na construção de portfólio torna-se ainda mais central. Mais do que buscar antecipar movimentos de curto prazo, o foco deve estar em uma alocação equilibrada, capaz de atravessar diferentes cenários com resiliência. Seguimos posicionados em uma carteira diversificada, com ativos de qualidade, geração de caixa consistente e capacidade de distribuição de proventos, o que ajuda a mitigar oscilações e preservar valor ao longo do tempo. Mesmo diante de um ambiente mais desafiador, a estratégia tem se mostrado eficaz, com desempenho superior ao benchmark no período e manutenção de uma trajetória sólida de geração de renda, reforçando a importância de uma abordagem estruturada e orientada ao longo prazo.

Histórico de Desempenho

A Carteira Renda Extra registrou subiu 1,46% em abril, frente a uma entrega de 1,09% do CDI no mesmo período. Ainda assim, desde o início, em fevereiro, a carteira acumula valorização de 3,53%, contra 3,34% do CDI — o equivalente a 105,93% do benchmark no período.

2026	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Ano	Desde o Início
Renda Extra	-	3,24%	-1,15%	1,46%									3,53%	3,53%
CDI	-	1,00%	1,21%	1,09%									3,34%	3,34%
% CDI	-	323,52%	-	133,94%									105,93%	105,93%

Maio de 2026

Diante da volatilidade prospectiva associada a ativos mais sensíveis à curva de juros — e considerando que já mantemos uma exposição relevante à compressão de prêmios — optamos por ajustar a carteira. Nesse contexto, decidimos substituir Multiplan (MULT3), que possui maior sensibilidade aos juros e ainda apresentou desempenho positivo em abril, por Vale (VALE3). Vale destacar que a Cyrela (CYRE3), retirada no mês anterior, registrou queda superior a 10% no período, enquanto MULT3 teve valorização, reforçando a assimetria recente entre os papéis.

A proposta dessa substituição é preservar a exposição a um cenário de entrada de capital estrangeiro — que, historicamente, privilegia ativos mais líquidos e amplamente conhecidos —, ao mesmo tempo em que incorporamos uma proteção adicional via exposição ao dólar e à exportação, caso haja algum estresse cambial. Em outras palavras, buscamos manter o potencial de valorização em um ambiente mais benigno, reduzindo, ao mesmo tempo, a vulnerabilidade da carteira a choques adversos. Embora nossa expectativa central seja de melhora gradual, entendemos que os riscos de deterioração seguem presentes. Nesse sentido, a troca reforça a consistência da estratégia, favorecendo um posicionamento mais equilibrado. Além disso, Vale apresentou uma correção desproporcional após a divulgação de resultados, mesmo com desempenho operacional ainda robusto e menor sensibilidade ao ciclo de juros.

Movimentação para o mês de maio

Carteira Empiricus Renda Extra					
#	Classe	Ativos	Peso Antes	Movimento	Peso Depois
Renda Fixa			60,00%		60,00%
#1	BTG Pactual TEVA Tesouro Selic ETF	LLFT11	15,00%		15,00%
#2	BTG Pactual Teva AUVF Renda Automática ITBR IPCA Rendimento ETF	AREA11	30,00%		30,00%
#3	BTG Pactual IRF-M ETF	LTNB11	5,00%		5,00%
#4	BTG Infra	BDIF11	5,00%		5,00%
#5	Kinea Infra	KDIF11	5,00%		5,00%
FIIs			15,00%		15,00%
#6	BTG Pactual Real Estate Hedge Fund	BTHF11	5,00%		5,00%
#7	HSI Malls	HSML11	5,00%		5,00%
#8	Kinea Securities	KNSC11	5,00%		5,00%
Ações			25,00%		25,00%
#9	It Now IDIV Renda Dividendos ETF	DIVD11	10,00%		10,00%
#10	Itaú	ITUB4	5,00%		5,00%
-	Multiplan	MULT3	5,00%	Vender	0,00%
#11	Vale	VALE3	0,00%	Comprar	5,00%
#12	Axia Energia	AXIA6	5,00%		5,00%
Total			100,00%		100,00%

Alocação Empiricus Renda Extra

Carteira Empiricus Renda Extra			
#	Classe	Ativos	Peso
Renda Fixa			60,00%
#1	BTG Pactual TEVA Tesouro Selic ETF	LLFT11	15,00%
#2	BTG Pactual Teva AUVP Renda Automática ITBR IPCA Rendimento ETF	AREA11	30,00%
#3	BTG Pactual IRF-M ETF	LTNB11	5,00%
#4	BTG Infra	BDIF11	5,00%
#5	Kinea Infra	KDIF11	5,00%
FII's			15,00%
#6	BTG Pactual Real Estate Hedge Fund	BTHF11	5,00%
#7	HSI Malls	HSML11	5,00%
#8	Kinea Securities	KNSC11	5,00%
Ações			25,00%
#9	It Now IDIV Renda Dividendos ETF	DIVD11	10,00%
#10	Itaú	ITUB4	5,00%
#11	Vale	VALE3	5,00%
#12	Axia Energia	AXIA6	5,00%
Total			100,00%

Renda Fixa

BTG Pactual TEVA Tesouro Selic ETF – LLFT11

O LLFT11 é um ETF de renda fixa que busca replicar a performance do Tesouro Selic por meio de uma carteira composta por LFTs mais longas, cuidadosamente selecionadas para capturar prêmios ao longo da curva de juros sem abrir mão da segurança característica desses títulos. Trata-se do maior ETF de LFT do Brasil, com elevada liquidez, estrutura simples e eficiente, ausência de IOF e de come-cotas, além de liquidez em D+1 — características que o tornam uma alternativa prática, transparente e moderna ao investimento tradicional em ativos pós-fixados.

A estratégia do fundo prioriza papéis com vencimento superior a 40 dias e duração total acima de 730 dias, o que reduz a necessidade de rolagens frequentes e permite a busca por ganhos marginais adicionais em relação ao CDI. Esse diferencial já se reflete no desempenho recente do ETF, que vem apresentando resultados ligeiramente acima do benchmark. Com taxa de gestão baixa, gestão ativa na composição da carteira e foco claro em preservação de capital com retorno consistente, o LLFT11 se encaixa bem tanto como um “caixa sofisticado” quanto como um pilar defensivo dentro de carteiras mais amplas e diversificadas.

BTG Pactual Teva AUVP Renda Automática ITBR IPCA Rendimento ETF – AREA11

O AREA11 é um ETF de renda fixa negociado na B3 cujo objetivo é replicar o desempenho do índice Teva ITBR-IPCA Rendimento, formado por títulos públicos Tesouro IPCA+ com cupons. Esses papéis são selecionados de forma a maximizar a geração de rendimentos recorrentes e a padronizar a frequência de distribuição de proventos ao investidor, tornando o fluxo de renda mais previsível.

Diferentemente de muitos ETFs de renda fixa, que reinvestem automaticamente os juros recebidos, o AREA11 foi estruturado para efetuar pagamentos periódicos diretamente na conta do cotista, combinando geração de renda com proteção contra a inflação. A gestão é passiva, com replicação física dos títulos que compõem o índice, e o produto reúne a segurança dos títulos públicos atrelados ao IPCA com a praticidade de um ETF negociado em bolsa. Tudo isso ocorre

dentro da estrutura típica desse tipo de fundo, sem incidência de IOF e sem come-cotas, o que contribui para maior eficiência tributária e simplicidade operacional para o investidor.

BTG Pactual IRF-M ETF – LTNB11

O LTNB11 é um ETF de renda fixa que oferece exposição direta à curva de juros prefixada, ao replicar o desempenho do índice IRF-M P2, composto por títulos públicos federais pré-fixados com diferentes prazos de vencimento. Por sua natureza, trata-se de um instrumento mais sensível às expectativas em relação à trajetória da Selic e da inflação, podendo se beneficiar de ciclos de queda de juros, mas que, em contrapartida, apresenta maior volatilidade no curto prazo — algo evidenciado pelas oscilações mensais recentes.

Com estrutura eficiente, ausência de IOF e de come-cotas, liquidez em D+1 e taxa de gestão competitiva, o LTNB11 pode ser utilizado tanto de forma tática quanto estratégica. Ele se mostra adequado para investidores que acreditam em um fechamento da curva de juros e buscam potencial de ganho real acima do CDI ao longo do tempo, estando dispostos a conviver com oscilações intermediárias em troca de um retorno esperado mais elevado.

BTG Dívida Infra – BDIF11

O BTG Dívida Infra é um fundo listado em bolsa com foco em debêntures de infraestrutura, sob gestão de Luis Bolfoni, sócio do BTG Pactual com cerca de uma década de experiência na instituição. Atualmente, o fundo possui aproximadamente R\$ 1,5 bilhão em patrimônio líquido e uma carteira amplamente diversificada, composta por cerca de 70 ativos. Desse total, aproximadamente 35% estão alocados em papéis com rating AAA, o que evidencia um padrão elevado de qualidade de crédito e contribui para maior previsibilidade dos fluxos de caixa.

Ao longo do último ano, a gestão promoveu um giro relevante da carteira, aproveitando oportunidades geradas pelo fechamento de spreads em diversos ativos. Alguns títulos AAA adquiridos no início de 2025 passaram por compressões expressivas de taxa, chegando a negociar cerca de 70 pontos-base abaixo da NTN-B equivalente. Em termos setoriais, o fundo tem adotado

uma postura mais cautelosa, evitando exposição a empresas de geração de energia solar e eólica, sobretudo diante dos recorrentes episódios de curtailment, quando usinas são obrigadas a reduzir ou interromper a produção.

Nesse contexto, houve a saída praticamente integral, em agosto, da posição em debêntures da Hélio Valgas. Considerando a cota de 29/04, o BDIF11 negocia a uma taxa próxima de IPCA + 10,8% ao ano e apresenta um potencial de valorização de cerca de 8,8% em relação ao valor patrimonial. Em nossa avaliação, esse desconto não reflete deterioração na qualidade dos ativos, mas sim um movimento mais amplo de aversão a risco e à volatilidade, que reduziu os fluxos direcionados a essa classe de investimento.

Kinea Infra – KDIF11

O Kinea Infra é um fundo de debêntures de infraestrutura com aproximadamente R\$ 2,9 bilhões de patrimônio líquido, gerido por Aymar Almeida e uma equipe dedicada de mais de 13 profissionais. Mesmo diante da pressão observada nos preços ao longo do último ano, a gestão destaca que o processo de investimento permaneceu consistente, com foco na originação própria de operações, muitas delas estruturadas internamente ou em parceria com o BNDES, o que reforça a disciplina e a qualidade na construção da carteira.

Sob a ótica setorial, o fundo passou por uma reconfiguração relevante. A exposição ao segmento de transmissão, que já representou cerca de 60% da carteira, foi reduzida para aproximadamente 13%, enquanto houve aumento das alocações em saneamento, energia solar e, principalmente, rodovias. Este último segmento, em especial, tende a ganhar protagonismo nos próximos anos, impulsionado pelo avanço do programa de concessões, com expectativa de cerca de 15 novos projetos federais apenas em 2026. Considerando a cota de mercado de 29/04, o fundo opera a uma taxa próxima de IPCA + 8,2% ao ano.

Diferentemente de muitos pares, o KDIF11 tem negociado com a cota de mercado acima da cota patrimonial. Na avaliação da gestão, esse comportamento mais estável reflete uma combinação de fatores: uma carteira relativamente descorrelacionada dos movimentos mais amplos de mercado, o que contribui para menor volatilidade da cota patrimonial, comunicação frequente e transparente com os investidores e um elevado nível de liquidez no mercado secundário.

Fundos Imobiliários

Kinea Securities – KNSC11

O Kinea Securities (KNSC11) tem como objetivo central a geração de renda recorrente, combinada à captura de ganhos de capital, por meio de um portfólio predominantemente alocado em Certificados de Recebíveis Imobiliários (CRIs). Atualmente, o fundo apresenta uma estrutura equilibrada entre indexadores, com maior exposição a papéis atrelados ao IPCA (56,4%) e participação relevante em ativos indexados ao CDI (36,9%). Essa composição confere maior flexibilidade à carteira, permitindo que o fundo atravesse diferentes fases do ciclo econômico com maior resiliência.

Do ponto de vista de retorno, a carteira oferece remuneração média de IPCA + 8,1% e CDI + 3,2%, com duration aproximada de 2,6 anos, o que contribui para um perfil de risco mais controlado. Destaca-se ainda o caráter majoritariamente high grade dos ativos, com uma base amplamente pulverizada, mais de 96 posições distintas, o que reduz riscos específicos, aumenta a previsibilidade dos fluxos de caixa e sustenta a consistência da geração de renda ao longo do tempo.

BTG Hedge Fund – BTHF11

O BTG Hedge Fund (BTHF11) é um fundo multiestratégia que busca capturar oportunidades em diferentes segmentos do universo imobiliário e de ativos correlatos, por meio de uma alocação amplamente diversificada. Atualmente, a carteira está distribuída entre FIIs de tijolo (36,6%), FIIs de papel (21,7%), CRIs (16,9%), caixa (16,7%), ativos reais (6,4%) e uma pequena exposição a ações (1,7%), o que proporciona múltiplas fontes de retorno e maior equilíbrio diante de diferentes cenários de mercado.

Do ponto de vista de valuation, o segmento de fundos multiestratégia se destaca, no momento, como um dos mais descontados da indústria. As cotas vêm sendo negociadas a níveis

significativamente inferiores ao valor patrimonial dos ativos, configurando uma assimetria interessante para o investidor. Em nossa avaliação, esse descompasso tende a ser gradualmente corrigido ao longo do ciclo, à medida que o ambiente macroeconômico se torne mais favorável e os descontos sejam reduzidos, abrindo espaço para uma potencial reprecificação das cotas.

HSI Malls – HSML11

O HSI Malls tem como foco a geração de renda recorrente, aliada à captura de ganhos de capital por meio de investimentos em shopping centers. Atualmente, o fundo possui participação em oito ativos que, em conjunto, somam mais de 187 mil metros quadrados de Área Bruta Locável (ABL). O portfólio apresenta desempenho operacional consistente, sustentado por indicadores sólidos de ocupação, vendas e rentabilidade.

Além disso, o fundo opera com cap rate superior ao observado entre seus pares e negocia com desconto relevante em relação ao valor patrimonial, fatores que reforçam a atratividade da tese. Para 2026, o cenário esperado de flexibilização monetária tende a ser particularmente favorável ao segmento de shoppings, criando um ambiente propício tanto para a continuidade da melhora operacional quanto para uma potencial reprecificação dos ativos ao longo do tempo.

Ações

It Now IDIV Renda Dividendos – DIVD11

O DIVD11 é um ETF de renda variável voltado a investidores que buscam geração de renda e maior previsibilidade dentro do mercado acionário brasileiro. O fundo replica o desempenho do IDIV, índice de dividendos da B3, composto por empresas com histórico consistente de distribuição de proventos. A carteira privilegia companhias mais maduras, com fluxo de caixa robusto, balanços sólidos e disciplina financeira, o que tende a resultar em uma volatilidade relativa menor quando comparada a índices amplos de mercado — ainda que, naturalmente, permaneça sujeita às oscilações típicas da Bolsa.

Ao concentrar-se na geração recorrente de dividendos, e não apenas em estratégias de crescimento, o DIVD11 se apresenta como uma alternativa eficiente para investidores que desejam complementar renda, reforçar o caráter defensivo da carteira ou equilibrar exposições mais agressivas. Tudo isso é feito com a praticidade, a diversificação e a transparência próprias de um ETF negociado em bolsa. Um diferencial relevante do produto é a distribuição mensal de proventos, realizada sempre no décimo dia útil do mês subsequente, oferecendo ao investidor uma combinação bastante atrativa entre renda recorrente e exposição ao mercado acionário brasileiro.

Itaú Unibanco – ITUB4

O Itaú está entre os maiores bancos da América Latina e possui a maior carteira de crédito do sistema financeiro brasileiro, sustentado por um histórico longo e consistente de resultados resilientes. Ao longo dos anos, a instituição tem demonstrado superioridade operacional em relação aos principais pares, com entregas recorrentes acima das expectativas do mercado, retorno sobre patrimônio (ROE) estruturalmente acima de 20% e crescimento real dos lucros, independentemente do estágio do ciclo macroeconômico.

No nível atual de valuation, a ação já não pode ser considerada uma barganha, tampouco se espera uma reprecificação abrupta no curto prazo. Ainda assim, o banco mantém pleno controle de suas operações e elevada capacidade de geração de lucros, combinada a uma política consistente de distribuição de dividendos, mesmo em cenários mais desafiadores — uma relação risco-retorno que consideramos atrativa. Vale destacar que, historicamente, múltiplos mais elevados não impediram o bom desempenho do papel, refletindo a sólida capacidade de execução da companhia. A expectativa de dividend yield recorrente para 2026 é de aproximadamente 7,07%.

Axia Energia (ex-Eletronbras) – AXIA6

A Axia Energia, antiga Eletronbras, consolidou-se como a maior empresa de energia elétrica da América Latina, com posição de liderança em geração e transmissão no Brasil, além de uma área de comercialização e trading que vem ganhando relevância desde a privatização. A evolução operacional no período pós-privatização é clara, especialmente na redução consistente das despesas gerenciáveis (PMSO), refletindo ganhos de eficiência e disciplina de custos. Ao mesmo tempo, o ambiente setorial tem contribuído de forma favorável: gargalos na transmissão e a deterioração dos níveis dos reservatórios têm sustentado preços de energia mais elevados, um cenário que tende a persistir no curto prazo.

Nesse contexto, a companhia tem adotado uma estratégia eficiente ao manter parte relevante de seu portfólio descontratada, posicionando-se para capturar a valorização dos preços no mercado livre. A combinação entre preços mais altos de energia, ganhos de eficiência operacional e modernização dos ativos de transmissão se traduz em um vetor consistente de crescimento de resultados e de geração de caixa. Como resultado, a capacidade de distribuição de dividendos tende a se fortalecer ao longo dos próximos anos, com expectativa de dividend yield recorrente de 5,45% para 2026.

Vale – VALE3

A Vale está entre as maiores produtoras globais de minério de ferro, com ativos de alta qualidade, estrutura de custos competitiva e forte capacidade de geração de caixa ao longo dos diferentes estágios do ciclo de commodities. A companhia se beneficia de sua posição dominante na produção de minério de alto teor, que tende a capturar prêmios em um ambiente de maior exigência ambiental e busca por eficiência industrial, especialmente na China. Além disso, a diversificação em metais como níquel e cobre adiciona um componente estrutural relevante à tese, alinhando a empresa a tendências de longo prazo, como a transição energética e a eletrificação global. Ao longo do tempo, a Vale tem demonstrado resiliência operacional e disciplina na alocação de capital, combinando eficiência produtiva com redução de alavancagem e distribuição consistente de retornos aos acionistas.

Do ponto de vista de valuation, embora a ação reflita a volatilidade inerente ao ciclo de commodities, segue negociando a múltiplos atrativos quando comparada à sua capacidade de geração de caixa. A combinação entre uma oferta mais restrita e a demanda estrutural por minério de maior qualidade sustenta um cenário construtivo no médio prazo, ainda que sujeito a oscilações de curto prazo, sobretudo relacionadas ao ritmo de atividade na China. Nesse contexto, a Vale apresenta uma combinação equilibrada entre potencial de valorização e geração de renda, funcionando como uma forma eficiente de exposição a ativos reais em um portfólio diversificado, com expectativa de dividend yield recorrente de 6,14% para 2026.

Disclaimer

A Empiricus Research é uma Casa de Análise que produz e entrega publicações e relatórios periódicos, regularmente constituída e credenciada perante CVM e APIMEC. Todos os nossos profissionais cumprem as regras, diretrizes e procedimentos internos estabelecidos pela Comissão de Valores Mobiliários, em especial sua Resolução 20 e seu Ofício-Circular CVM/SIN 13/20, e pela APIMEC, bem como pelas Políticas Internas estabelecidas pelos Departamentos Jurídico e de Compliance da Empiricus. A responsabilidade pelos relatórios que contenham análises de valores mobiliários é atribuída a Rodolfo Cirne Amstalden, profissional certificado e credenciado perante a APIMEC. Nossas funções são desempenhadas com absoluta independência, e sempre comprometidas na busca por informações idôneas e fidedignas visando fomentar o debate e a educação financeira de nossos destinatários.

O conteúdo da Empiricus Research não representa quaisquer ofertas de negociação de valores mobiliários e/ou outros instrumentos financeiros. Embora a Empiricus Research forneça sugestões pontuais de investimento, fundamentadas pela avaliação criteriosa de analistas certificados, não se pode antecipar o comportamento dos mercados com exatidão. Padrões, histórico e análise de retornos passados não garantem rentabilidade futura. Todo investimento financeiro, em maior ou menor grau, embute riscos, que podem ser mitigados, mas não eliminados. A Empiricus Research alerta para que nunca sejam alocados em renda variável aqueles recursos destinados às despesas imediatas ou de emergência, bem como valores que comprometam o patrimônio do assinante. Os destinatários dos relatórios devem, portanto, desenvolver as suas próprias avaliações.

A Empiricus Research faz parte do grupo Empiricus, pertencendo ao Grupo BTG Pactual, motivo pelo qual existe potencial conflito de interesses em suas manifestações sobre o Grupo. A união de forças para a criação do grupo Empiricus objetiva propiciar uma melhor experiência ao investidor pessoa física. Toda relação dentro do grupo é pautada na transparência e na independência, respeitando a completa segregação entre as atividades de análise de valores mobiliários e de administração de carteiras de valores mobiliários, visando à preservação da imparcialidade da Empiricus Research. Todo o material está protegido pela Lei de Direitos Autorais e é de uso exclusivo de seu destinatário, sendo vedada a sua reprodução ou distribuição, seja no todo ou em parte, sem prévia e expressa autorização da Empiricus Research, sob pena de sanções nas esferas cível e criminal.

